

# ROUSSEAU, CRÍTICA DA CULTURA E MOVIMENTO SOCIAL: UMA ANÁLISE DOS DOIS DISCURSOS

Ricardo Lenard<sup>1</sup>  
[ricardolenard@hotmail.com](mailto:ricardolenard@hotmail.com)

Resumo: Este artigo tem como proposta analisar as contribuições que Rousseau, em seus dois Discursos, pode dar à noção de movimento social. O método aplicado é o do contextualismo linguístico da Escola de Cambridge que avalia as motivações e a racionalidade própria das obras clássicas da política e da moral. Nesta perspectiva, nota-se que Rousseau entende a atividade política e a crítica da cultura como noções entrelaçadas e indissociáveis.

## Introdução

Esta comunicação avaliará a noção de atividade política para Rousseau. A realização desta é impossível senão simultaneamente com a crítica da cultura. A “cadeia de ferro” é o conceito-chave para a compreensão da crítica da cultura de Rousseau. Inicialmente é preciso ter claro um certo jogo de remissões que é permitido fazer aqui, pois Civilização remete ao conceito de Cultura que, por sua vez, remete ao conceito de Razão. E ao colocar no mesmo horizonte esses três conceitos podemos compreender melhor o projeto de Rousseau. Portanto, a crítica da cultura passa também por uma crítica a razão. A “cadeia de ferro” consegue nos indicar uma noção da ordem da razão moderna e seus conflitos internos como Rousseau pensou. A atividade política, como revolta contra determinado modelo civilizacional, teria como fonte a ação

Rousseau estabelece sua crítica à cultura compreendendo o processo de sociabilidade e as razões que motivaram o aumento progressivo da corrupção e deformação da vida humana em sociedade. Ou seja, a crítica à civilização se baseia em uma crítica da cultura. Cabe destacar que a crítica da cultura de Rousseau se destinou à

---

<sup>1</sup> Mestrando em História pela Universidade Federal de Goiás.

todos os cidadãos de todos os tempos e lugares, portanto, é de uma amplitude universal, característica nem sempre aplicada à toda atividade política.

## **Método**

Embora os textos de Rousseau sejam diretos e didáticos, escolhemos dar uma perspectiva contextualista de seus textos. Nas obras do filósofo se encontram muitas referências aos antigos, por exemplo, e que são típicas de seu contexto. Seu contexto de efervescência política e filosófica e que também são relevantes para compreendermos melhor suas obras. Aqui não pretendemos discutir se o texto consegue se explicar sozinho ou se os contextos interferem nos textos, assumiremos o método do contextualismo linguístico de Quentin Skinner por entendermos que isso auxiliará na compreensão do texto. Tal empreendimento se faz por uma hermenêutica com procedimentos específicos que busca analisar a singularidade do contexto que o discurso político foi emitido.

O contextualismo linguístico pode ser entendido como “a reconstituição do sentido histórico das ideias. Tratava-se, portanto, de continuar descobrindo o que os pensadores políticos pretenderam dizer em seus textos” (LOPES, 2011: p. 189). Trata-se de um procedimento hermenêutico voltado especificamente para compreensão de textos políticos que impede a perpetuidade das grandes teorias políticas passadas, mas, ao mesmo tempo, permite refinar a análise destas.

Para tal reconstituição é realizada, basicamente, por alguns procedimentos fundamentais. Sendo o primeiro “a partir da análise do contexto histórico de produção de suas obras, levando-se também em consideração os eventos e os debates travados frente às questões políticas formuladas em seu próprio tempo por outros agentes” (LOPES, 2011: p. 189). Já o segundo é:

o domínio do vocabulário normativo que tanto descreve quanto legitima ações de personagens históricos permitiria ao intérprete compreender a linguagem na qual se expressou o autor do passado. Isso porque tal domínio possibilitaria estabelecer contato com a mensagem que um dado escritor político tentou transmitir para aqueles interlocutores que considerou como a sua audiência. (LOPES, 2011: p. 189)

## **Rousseau e seu contexto**

Gostaria de chamar a atenção para o primeiro procedimento, pois nele evidencia melhor nossa pretensão. Com ele colocaremos em evidência os debates que Rousseau se propôs, por quais interesses ele produzia suas obras, com quais destinatários o autor se destinava e, por fim, a receptividade que o mesmo teve. Pois é nessa reconstrução de um sentido ligado à um contexto histórico a compreensão do conceito que analisaremos se qualificará. Quando consideramos um conceito que efetivamente faz uma crítica de algo é ainda mais produtivo utilizarmos de estratégias que meditem sobre um contexto ao qual se insere.

Rousseau participou do movimento enciclopedista. Juntamente com Denis Diderot, Jean le Rond d'Alembert, Voltaire – embora este tenha tido uma relação conflituosa com Rousseau, Montesquieu, Buffon e do barão D'Holdbach. Buscaram catalogar o conhecimento humano pelo uso da razão. As atitudes críticas do movimento enciclopedista contribuíram para fomentar a revolução francesa e revitalizar a filosofia à época.

Não podemos deixar de citar as inspirações filosóficas do autor. Como demonstra com diversas citações, Rousseau indubitavelmente se inspirou na filosofia antiga, com bastante ênfase em Epicuro e na escola estoíca. Isso pode ser percebido em uma busca pelos termos que o autor coloca, as oposições que são feitas e, principalmente, os critérios que utiliza para estabelecer suas escolhas.

Como um último elemento que é importante ressaltarmos da história do filósofo suíço é a relevância do universal para a filosofia de Rousseau. Adotar a utilização do universal é o que permitiria ao mesmo elaborar uma crítica da cultura destinada ao sentido amplo, sem estar determinada à um espaço ou à algum tempo. Já que a dignidade humana seria um atributo presente em todos os seres humanos depositada pela própria natureza, o que poderia motivar as hierarquias seriam as convenções sociais. Tal noção é tão rica politicamente, que este pensamento desestabilizaria as noções de absolutismo.<sup>2</sup>

## **Uma breve análise da crítica da cultura de Rousseu**

---

<sup>2</sup> Para mais informações: DANNER, Leno Francisco. Universalismo e Crítica da Cultura: Um Argumento em Defesa do Universalismo. Revista Estudos Filosóficos. n° 6. 2011

Fazer crítica da cultura foi um esforço que ocupou um espaço fundamental para os objetivos que Rousseau se propôs. Como objetivo maior os dois discursos parecem se encontrar, embora são análises de objetos diferentes que levam à objetivos secundários diferentes. Analisemos melhor o que o próprio autor diz.

No primeiro parágrafo do primeiro discurso, o “Discurso Sobre as Ciências e as Artes”, o autor evidencia as perguntas que se propõe a responder:

O restabelecimento das ciências e das artes contribuiu para purificar ou corromper os costumes? Eis o que se trata de examinar. E que partido devo tomar nessa questão? Aquele, senhores, que convém a homem de bem<sup>3</sup> que nada sabe e que como tal não se estima menos (ROUSSEAU, p. 14)

Ou seja, o que o autor pretende discutir é a utilidade das artes e das ciências para a formação humana. Aqui também parece ser adequado remetermos para a herança estoíca do autor. Quando se fala em purificar ou corromper, aproximando dos estóicos, os costumes seria justamente se a arte e a ciência estimulam os vícios ou as virtudes, no parágrafo ele não coloca nesses termos, mas durante o resto do discurso e no seu segundo podemos notar a preocupação em torno dessas noções. Mas podemos jogar em outros conceitos para compreender melhor o projeto de Rousseau e a pergunta seria: como a ciência e arte agem no processo de subjetivação e disciplinarização do Eu? Um pouco mais a frente falaremos do motivo de remeter a perguntar à outras perguntas, basta explicar o caminho percorrido no segundo discurso.

Não podemos deixar de citar o compromisso que o autor faz com a felicidade em seu primeiro discurso. Rousseau no final do seu primeiro discurso diz:

que os sábios encontrem honrosos asilos nas suas cortes; que obtenham a única recompensa digna deles, que é a de contribuir por seu crédito para a felicidade dos povos aos quais tiverem ensinando a sabedoria; só então se verificará o que podem a virtude, a ciência e a autoridade, animadas de nobre emulação e trabalhando harmoniosamente para a felicidade do gênero humano (ROUSSEAU, p. 50)

---

<sup>3</sup>Não conseguimos compreender bem o que o autor pretende dizer nessa frase, pois no segundo discurso ele nos apresenta um conceito de homem de bem que é: “O homem de bem é um atleta que tem prazer em combater nu; despreza todos esses vis ornamentos que dificultam o uso das suas forças e cuja maior parte só foi inventada para ocultar alguma deformidade”. Um conceito alegórico como este torna a compreensão algo mais complexo. O que inferimos é que ele tenta partir de um homem virtuoso ou aquele que combate pela virtude sem interesses depravados

Ou seja, a purificação dos costumes pode ser pensada como a felicidade do gênero humano. Isto implica que Rousseau dá em uma certa medida uma abertura para uma disciplinarização que desenvolva a felicidade na humanidade. Ou seja, a sociedade policiada ou a civilização não parece aqui necessariamente corromper os costumes. Muito mais um tipo de arte e ciência, aparentemente as que não instigam a felicidade, ou melhor, as que se separam da sabedoria.

Mas é no segundo discurso que Rousseau evidencia seu projeto. Na introdução do prefácio do segundo discurso o autor já nos apresenta seu propósito.

O mais útil e o menos avançado de todos os conhecimentos humanos me parece ser o do homem; e ousa dizer que só a inscrição do templo de Delfos continha um preceito mais importante e mais difícil do que todos os grossos livros moralistas (ROUSSEAU, p. 28)

Portanto, a proposta de Rousseau é conhecer a si mesmo. Basta analisarmos o que diz a inscrição do templo de Delfos: “conhece-te a ti mesmo”. Quando Rousseau busca, em seu segundo discurso, ele busca muito mais conhecer a si mesmo. Não nos esqueçamos da escrita sempre política de Rousseau e, portanto, se trata de dar um sentido político ao conhecer a si mesmo e, assim, exigir certos direitos ou por busca de equidade. Conhecer a si mesmo é uma questão política que o autor encontra e a forma como ele fará isso será por meio de um discurso sobre a origem da desigualdade.

E aqui podemos perceber como os dois discursos se alinham. Enquanto no primeiro há a pergunta de como duas invenções humanas, a ciência e a artes, servem para formar o Eu e se isso pode ou não ser positivo; na segunda a preocupação pretende ser mais direta, busca conhecer a si mesmo. Sintomaticamente, a pretensão dos dois discursos, embora por caminhos diferentes, remete ao mesmo lugar, o do conhecimento si mesmo.

Portanto, a crítica da cultura de Rousseau se passa pelo conhecimento de si mesmo. Este é o grande objetivo almejado pelo filósofo. Agora podemos entrar em aspectos da sua crítica da cultura. Mas, por uma questão de recorte, nos limitaremos somente em como o autor pensa o homem natural e o homem policiado ou civilizado. Pois, com estes dois termos, conseguiremos compreender bem o que o conceito que nos propomos a analisar neste artigo, o de “cadeia de ferro”.

Seguiremos uma ordem que parece agradar mais Rousseau, primeiro falaremos do homem em estado de natureza, suas características físicas e morais, seu estilo de vida e suas operações da alma, posteriormente falaremos é considerado o homem civilizado em seu pleno desenvolvimento e, por fim, apresentaremos o conceito de “cadeia de ferro”.

Há um objetivo político em descrever o homem em seu estado de natureza. Somente conhecendo bem o que é esse homem em estado de natureza e suas características fundamentais é que podemos garantir com justiça os direitos naturais inerentes a cada ser humano. Portanto, Rousseau se coloca em meio à uma discussão política totalmente voltada ao contexto em que ele vivia, pois fazer menção ao direito natural era, também, se opor ao estado absolutista e todas as suas premissas de desigualdade do direito em relação aos membros da sociedade civil, já que todos seriam naturalmente iguais, não haveria possibilidade para falta de isonomia.

o conceito de estado natural serve de contraponto crítico à ordem social (estado civil), funcionando como base normativa, como ideia reguladora, que permite ao pensamento reflexivo distanciar-se do momento atual, para poder analisá-lo de fora e, com isso, identificar suas imperfeições. (DALBOSCO)

a sociabilidade humana depende, segundo ele, de três fatores fundamentais: autoconservação, perfectibilidade e representação (DALBOSCO);

O acúmulo de objetos e paixões formadas pelo progresso civilizacional resulta num contrato de privação de certos bens com o objetivo de manter outros. Nisso Rousseau diz:

As distinções políticas conduzem necessariamente às distinções civis. A desigualdade crescente entre o povo e seus chefes fez-se logo sentir entre os particulares, entre eles se modificando de mil maneiras, segundo as paixões, os talentos e as ocorrências. O magistrado não poderia usurpar um poder ilegítimo sem o auxílio de criaturas às quais é forçado a ceder alguma parte. Aliás, os cidadãos só se deixam oprimir na medida em que são arrastados por uma cega ambição, e olhando mais abaixo do que acima deles, a dominação torna-se-lhes mais cara do que a independência, e em que consentem em carregar cadeias para poder distribuí-las por sua vez. (ROUSSEAU, p. 132)

Como veem o progresso para Rousseau, embora traga alguns benefícios, causa um conflito interno nos próprios cidadãos. Já que o avanço da civilização deveria contribuir muito mais para progredir a sabedoria e a boa manutenção do estado, ocorre o

contrário, o homem se escraviza em seus vícios e, portanto, necessita desenvolver dispositivos que o impeçam de se autodestruir ou de destruir aquilo que foi construído pelas orientações de seus vícios.

E é nesse paradoxo que a “cadeia de ferro” deve ser entendida. É o paradoxo que o homem civilizado sente ao viver os progressos da civilização, ao mesmo tempo que pode experimentar a volúpia da razão, ele tem de reprimir determinados dons essenciais da natureza. Num trecho do discurso sobre a ciências e as artes podemos ver como esse conceito se comporta:

O espírito tem suas necessidades, assim como o corpo. São esses os fundamentos da sociedade, constituindo os outros o seu atrativo. Enquanto o governo e as leis promovem a segurança e o bem-estar dos homens na coletividade, as ciências, as letras e as artes, menos despóticas e mais poderosas talvez, estendem guirlandas de flores sobre as cadeias de ferro que eles carregam, sufocam neles o sentimento dessa liberdade original para o qual pareciam ter nascido, fazem-nos amar sua escravidão e formam assim os chamados povos policiados. (ROUSSEAU, p. 17)

E é com esse paradoxo que podemos compreender os conflitos internos do homem civilizado. Ao mesmo tempo que sentem todo o fervor de certos dons essenciais de sua própria natureza, o seu próprio uso da razão constrói uma cadeia de ferro que reprime em grande parte ou, minimamente, maltrata esse fervor.

### **A atividade política, crítica da cultura e movimento social**

Assim, para concluir nossa comunicação, destacamos a relação necessária entre atividade política e crítica da cultura para Rousseau. Os dois discursos, sintomaticamente, são produtos da atividade política do autor que ao mesmo tempo que demonstrava vasto conhecimento sobre os assuntos que tratava ainda demonstrava seu engajamento contra as injustiças do mundo. A partir destas premissas é que podemos inferir que a atividade política em Rousseau deve estar lado-a-lado e indissociavelmente com a crítica da cultura. Uma possível herança do renascentismo pode ter conduzido o autor a produzir sua crítica para todos os seres humanos de todo tempo e de todos os lugares, ou seja, uma crítica universal, mas que teria como objetivo uma transformação universal, uma transformação

para todos. O seu engajamento está vinculado com o universalismo que, ao mesmo tempo, foi o que permitiu a inovação em sua crítica.

O movimento social que pretendesse se articulasse com a tradição política herdeira do iluminismo deveria se submeter a condição acima exposta para ter legitimidade na sua filiação. Acontece que a atividade política, o campo de atuação do movimento social é restringido em relação ao campo de atuação de Rousseau. O movimento social age de acordo com o estabelecimento de identidades coletivas e a reivindicação de pautas do interesse da então coletividade. Se trataria simplesmente de um recorte do projeto iniciado por Rousseau. Se o francês tinha a pretensão de se destinar a todos de todo o tempo e de todos os lugares, portanto, universal, os movimentos sociais que desejam se aproximar da linhagem iluminista deveria, sintomaticamente, elaborar críticas da partilha da cultura que diz respeito à identidade que foi forjada. Portanto, o movimento social pode ser visto como um recorte de um projeto iniciado por Rousseau.

### **Referências Bibliográficas**

CUNHA, João Geraldo Martins da. Fichte leitor de Rousseau: crítica da civilização ou crítica da cultura?. *Cadernos de Filosofia Alemã*. v. 22; n. 3. pp.13-23.

DALBOSCO, Claudio Almir. *Crítica à Cultura, Sociabilidade Moral e Amour de L'ordre em Rousseau*. Editora Jundiaí. 2009

DANNER, Leno Francisco. Universalismo e Crítica da Cultura: Um Argumento em Defesa do Universalismo. *Revista Estudos Filosóficos*. nº 6. 2011

LEOPOLDI, José Sávio. Rousseau - estado de natureza, o “bom selvagem” e as sociedades indígenas. *ALCEU* - v.2 - n.4 - p. 158 a 172 - jan./jun. 2002

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre as ciências e as artes [1750].

\_\_\_\_\_. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens [1755]. Visto em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/desigualdade.pdf>